



**XXIV**  
**Mostra**  
**de Iniciação**  
**Científica**

**SEMANA DO**  
**CONHECIMENTO**

A Universidade em movimento

De **7 a 10** de outubro de 2014



## RESUMO

### A NARRATIVA COM PROVOCAÇÃO DE EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA

**AUTOR PRINCIPAL:**

Alexandre José Hahn

**E-MAIL:**

alexandrehahn@mail.com

**TRABALHO VINCULADO À BOLSA DE IC::**

Não

**CO-AUTORES:**

Vera Lucia Dalbosco

**ORIENTADOR:**

Gerson Luís Trombetta

**ÁREA:**

Ciências Humanas, Sociais Aplicadas, Letras e Artes

**ÁREA DO CONHECIMENTO DO CNPQ:**

7.01.00.00-4

**UNIVERSIDADE:**

Universidade de Passo Fundo

**INTRODUÇÃO:**

O presente artigo é fruto de pesquisas e discussões teórico-metodológicas propostas pelo PIBID  $\zeta$  Filosofia/UPF e objetiva pensar a narrativa como estratégia mobilizadora ou mediadora da reflexão filosófica com alunos do ensino fundamental e médio. A proposta vem motivada por um trabalho de pesquisa onde se procura usar temas do interesse dos alunos. Enquanto a filosofia traz a tona a problemáticas existenciais do ser humano, a literatura apresenta essas problemáticas simbolicamente através da ficção. As duas áreas são complementares à medida que representam à vida de quem as lê e atuam no pensamento e na constituição dos sujeitos. As duas disciplinas tornam-se importantes, pois trabalham com aspecto formativo do indivíduo. Pela experiência proporcionada por seus personagens, a literatura toca na vivência dos leitores. A filosofia, pelo rigor questionador, aprofunda outros âmbitos diferentes de tais vivências.

**METODOLOGIA:**

Seria a narrativa um recurso didático fecundo para ser usado no ensino de Filosofia numa época em que os jovens estão envoltos pelo mundo tecnológico e imagético? Como desenvolver discussões filosóficas por meio do trabalho com narrativas? A que narrativa nos referimos? Pensando no objetivo e nas questões acima expostas, organizamos o texto em três partes. Primeiro nos ocupamos com o conceito e valor do uso das narrativas como suporte pedagógico; segundo, levantamos elementos para pensar a narrativa como meio para suscitar discussões filosóficas e, por último, apontamos possibilidades concretas do uso da narrativa para as aulas de filosofia.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Ao pensar na metodologia mais adequada [...] surgem-nos algumas questões: Qual temática deveríamos abordar? Que história melhor se enquadraria na temática em questão? Quais problemas seriam pertinentes de ser abordados no decorrer do diálogo? Partindo do objetivo de debater sobre o sentido da nossa existência e prevendo os assuntos que pudessem ser elencados pelos alunos durante a discussão, julgamos conveniente falar da vida e do sentido da existência a partir do grande dilema da morte. Como diz um antigo ditado, *„das coisas da vida só a morte é que se sabe que é certa*. Para muitas pessoas a revelação da morte é o início das perguntas sobre a vida, das indagações que tomamos como particulares, ou seja, pensar sobre a morte não só nos deixa pensativos como nos torna pensadores. Afinal, por que nos preocupamos com a vida? Podemos compreendê-la? Optamos pelo conto *„O Compadre da Morte*, presente no livro *„Contos Tradicionais do Brasil*, de Câmara Cascudo. O conto prossegue de uma moral que é aterradora de um dos maiores medos da humanidade, a hora da nossa morte, e brinca com a situação que todos teremos um dia de passar na vida. Tal conto serviu como mobilizador do trabalho realizado em sala de aula, sendo utilizado como instrumento de introdução ao tema. Na narrativa, é dada a ideia de que enquanto houver vida tudo pode se arranjar, mas a morte é necessariamente irrevogável. O que caracteriza a morte é a certeza de que nunca podemos dizer que estamos resguardados dela ou que nos afastamos, ainda que momentaneamente, de seu império; mesmo que às vezes não seja provável, a morte é sempre possível.

Tendo a morte como iminente e deferível a todos, podemos pensar algo positivo sobre ela? Conforme Savater, *„é a morte prevista que, ao nos tornar mortais (isto é, humanos), também nos transforma em viventes* (2001, p.16). Isso é, o indivíduo começa a pensar na vida quando se dá por morto. Assim temos várias questões para problematizar depois do conto.

## CONCLUSÃO:

Ao narrarmos, organizamos uma essência própria que é dada por conta das nossas experiências humanas que devemos repassar e moldar em outros, levando a imaginação dos alunos a reconstruir o seu mundo numa reflexão que talvez antes não tivesse maior plenitude para se moldar. É repassando uma história hoje que amanhã podemos escrever outra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política v. I. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CÂMARA CASCUDO, Luís. Contos tradicionais do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1986.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. Contos filosóficos do mundo inteiro. São Paulo: Ediouro, 2008. p. 89-94.
- LIPMAN, Matthew. A filosofia vai à escola. São Paulo: Summus, 1990.
- SAVATER, Fernando. A morte, para começar. In: As perguntas da vida. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

---

Assinatura do aluno

---

Assinatura do orientador